

Problema de uma estudante é resolvido

■ Aluna que denunciou ao JB a falta de professores em sua escola ganha bolsa, mas colegas continuarão a sofrer na rede pública

PAULA AUTRAN

A carta que a estudante Luciana Soares da Silva escreveu para o **JORNAL DO BRASIL** expondo o problema da falta de professores do Colégio Estadual Paulo de Frontin, publicada na última quinta-feira, acabou funcionando como uma espécie de vestibular. Depois de passar as primeiras semanas do ano letivo com aulas de apenas quatro das mais de dez matérias curriculares, o caso da garota — de 17 anos e no terceiro ano do segundo grau — chamou a atenção de três donos de escolas particulares, que lhe ofereceram vagas com direito a bolsas de estudo. “Eu não queria sair, deixar meus amigos, mas não tenho como recusar. Gostaria que o problema do ensino público fosse resolvido, mas não sei quando isto vai acontecer”, contou Luciana, que já aceitou um dos convites.

Mesma sorte não tiveram os quase 2 mil mil alunos da mesma escola de Luciana. Apesar de, na última sexta-feira, a Secretaria Estadual de Educação ter autorizado que os professores da Paulo de Frontin lecionem em Regime Especial de Trabalho (RET) — isto é, que eles possam ganhar hora extra dando aulas nas turmas onde faltam professores, medida suspensa no ano letivo anterior —, a direção da escola ainda precisa de 30 profissionais para suprir suas necessidades. “Mesmo com os RETs, que funcionam como tapa-buracos, só no turno da manhã faltam professores de Física, Química, Português, Literatura e Biologia”, contabiliza a coordenadora Maria da Piedade Sousa dos Reis.

Sem Física — “Estou no terceiro ano e nunca tive aula de Física. Também continuei sem aula de Literatura porque a professora está cobrindo turmas que estão sem Português”, rela-

ta Daniel Oliveira de Sousa, de 15 anos e no 2º ano do mesmo colégio. Ele está tendo aulas de Matemática ministradas por um aluno da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que se ofereceu para trabalhar gratuitamente.

Cartaz — A turma de Luciana, que teve ontem as primeiras aulas de Literatura e Biologia do ano, ainda não teve aula de Química. Para ilustrar o caos do ensino público, o grêmio estudantil do Paulo de Frontin preparou um contundente cartaz, repleto de erros de ortografia com os dizeres “Cem educasão o brasiu não xega a lugar nem um”.

O subsecretário estadual de Educação, Paulo Sampaio, reconheceu que o número de professores da Paulo de Frontin que podem ter RET não é suficiente para suprir as necessidades da escola e disse não ter conhecimento de que pessoas não habilitadas estariam lecionando na escola para cobrir buracos no horário, o que não é permitido. Ele informou que a secretaria vai remanejar profissionais de ensino de outras escolas para solucionar os problemas da escola de Luciana. “Até o fim do mês, a situação deve estar regularizada por lá”, afirmou.

Elogios — A notícia é boa também para Luciana. “Não gostaria que pensassem que, por sair daqui, fiz tudo o que fiz à toa”, disse ela sobre os efeitos que a carta que escreveu provocou na rede de ensino público. A garota passou o dia de ontem sendo parabenizada pelos amigos de turma e professores. “Foi uma excelente iniciativa. Só através dos alunos vamos poder ter uma solução para nossos problemas, pois não se ouve mais o professor”, afirmou a professora Norma, diretora adjunta da Paulo de Frontin.



No Instituto de Educação, as alunas têm dois tempos livres por causa da falta de professores e passam boa parte de seu tempo nos corredores

Samuel Martins